

## 2.3 VEGETAÇÃO E FAUNA

A cobertura vegetal do Litoral Norte de Pernambuco, em sua composição original, corresponde à Floresta Atlântica, cuja vegetação exuberante e diversidade biológica têm sido, desde os tempos coloniais, destruídas pela cultura da cana-de-açúcar e do coco. Nos dias atuais, essa destruição vem sendo efetuada pela implantação de loteamentos para granjas e chácaras de recreio e pela extração de madeira e lenha para consumo nas áreas urbanas e rurais.

O saldo dessa devastação está representado por alguns remanescentes de mata que, em geral, recobrem encostas de tabuleiros e morros com alta declividade e, em menor proporção, colinas e modelados suaves da porção oriental da área, onde a ocupação urbana e o parcelamento da terra para granjas e chácaras motivaram a destruição quase total das matas, ali, existentes.

Os remanescentes de mata mais extensos do Litoral Norte localizam-se a oeste da BR-101 e dos núcleos urbanos que margeiam essa rodovia. Concentram-se nos municípios de Abreu e Lima, Igarassu, Itamaracá, Paulista e sudeste de Itaquitinga, ao passo que constituem ocorrências esparsas, no restante da área (figura 03).

Em Paulista, Abreu e Lima e Igarassu tais remanescentes ocorrem, em geral, na porção ocidental dos vales dos rios Paratibe, Barro Branco, Utinga, Bonança, Tabatinga, Arataca e Botafogo bem como no tabuleiro de Araçá e Chã da Cruz. Retalhos de vegetação em recomposição interligam, por vezes, esses remanescentes. Na porção oriental desses municípios, as matas localizam-se no interior da mancha urbana ou nas proximidades desta, associadas, em alguns casos, a capoeiras de diferentes portes.

No município de Itamaracá, as matas mais expressivas ocorrem na porção ocidental da ilha, em terras públicas, integrantes da área dos presídios e estão interligadas pela vegetação em recomposição que recobre a quase totalidade dessas terras e aparece também, na porção sul do território insular.

FIGURA 03 - COBERTURA VEGETAL DO LITORAL NORTE



No município de Goiana, os remanescentes são escassos e estão localizados no vale do rio Tracunhaém, a oeste da BR-101 (matas da Usina Santa Tereza), ao norte da vila de Tejucopapo (mata de Megaó) e, no entorno da BR-101, entre o rio Capibaribe Mirim e a divisa de Pernambuco com a Paraíba. Alguns fragmentos de mata ocorrem também na porção centro-oriental do município (entre o povoado de São Lourenço e a vila de Ponta de Pedras) e entre a BR-101 e o rio Itapessoca. Em Itaquitinga, as poucas matas existentes concentram-se na porção oriental, na divisa desse município com Goiana e Igarassu.

Dentre as matas acima mencionadas, algumas são Reservas Ecológicas criadas pela Lei nº 9 989 de 13 de janeiro de 1987. São elas: a mata da Usina São José, em Igarassu; as matas de Lanço dos Caçoes, Santa Cruz, Jaguaribe, Engenho Macaxeira, Engenho São João e Amparo, em Itamaracá; Miritiba e São Bento, em Abreu e Lima; Janga, Jaguarana e Caetés, em Paulista (quadro 01 e foto 09). A mata do Janga constitui um dos últimos remanescentes de mata de restinga do Estado de Pernambuco (Andrade Lima, 1960, p. 315). Das Reservas Ecológicas acima relacionadas, apenas a de Caetés foi implantada, em 1991 e sofreu mudança de categoria, sendo transformada em Estação Ecológica pela Lei Estadual nº 11 622/98. As demais, por não terem sido, ainda, implantadas, continuam submetidas a alguma forma de degradação, sofrendo redução da área e, mesmo, tendendo a desaparecer. Um exemplo disto é o que ocorreu com a mata de São Bento que, há mais de dez anos, foi invadida por trabalhadores rurais sem terra, coordenados pela Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE), restando, atualmente, menos de 10% da mesma (Falcão, 1999, p. 4).

Além dessas unidades de conservação, existem, no Litoral Norte, no município de Goiana, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) com 19,23 ha, localizada na Fazenda Tabatinga e uma área de 476,0 ha pertencente à Companhia Agro-industrial de Goiana (Usina Santa Tereza) que foi, informalmente, enquadrada pelo proprietário como "Reserva Particular". Cabe ressaltar também a existência, no município de Igarassu, de 60 ha de Mata Atlântica, constitutivos do Refúgio Ecológico Charles Darwin e preservados com o objetivo de estudo de espécies animais e vegetais daquele ecossistema.

## QUADRO 01 - RESERVAS ECOLÓGICAS DO LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO

NOME DA RESERVA	LOCALIZAÇÃO	% DA ÁREA DO MUNICÍPIO	ÁREA (HA)
Mata da Usina São José	A sudeste da Usina São José (Igarassu)	298,78	0,76
Mata Lanço dos Cações	Porção norte da Ilha de Itamaracá	50,12	0,75
Mata de Santa Cruz	Porção norte da Ilha de Itamaracá	54,68	0,82
Mata do Jaguaribe	Porção centro-norte da Ilha de Itamaracá	107,36	1,60
Mata do Engenho Macaxeira	Porção centro-norte da Ilha de Itamaracá	60,84	0,91
Mata do Engenho São João	Porção centro-ocidental da Ilha de Itamaracá	34,00	0,51
Mata do Amparo	Porção centro-meridional da Ilha de Itamaracá	172,90	2,58
Mata de Miritiba	Extremo oeste de Abreu e Lima	273,40	1,90
Mata de São Bento	A leste do núcleo urbano de Abreu e Lima	109,60	0,76
Mata do Janga	Porção sul-oriental do município de Paulista	132,24	1,36
Mata de Jaguarana	Na margem da PE-015 próximo ao núcleo urbano de Paulista	332,28	3,41
Mata de Caetés*	Em Paulista, na margem esquerda do rio Paratibe (a SO das vilas Caetés I e II).	150,00	1,54

Fonte: FIDEM. Reservas Ecológicas da Região Metropolitana do Recife. 1987.

(\*) Transformada em Estação Ecológica pela Lei Estadual nº II 622/98.



FOTO 09 – Reservas Ecológicas da Macaxeira, ao centro (por trás do Presídio Barreto Campelo, em Itamaracá) e de Santa Cruz (ao fundo). Cobertura vegetal em recomposição, no primeiro plano.

Com base em pesquisa de campo e estudos realizados pela Gerência de Áreas Protegidas da CPRH, procedeu-se a classificação preliminar de alguns remanescentes da Mata Atlântica do Litoral Norte de Pernambuco, segundo o estado de conservação dos mesmos (figura 03). De acordo com essa classificação, foram consideradas em **bom estado de conservação** as matas do Amparo e Santa Cruz (Itamaracá), da Usina Santa Tereza (Goiana), da Usina São José, do Refúgio Ecológico Charles Darwin, do Engenho Cumbé de Baixo (foto 10) e do Parque Petribom (Igarassu).

Em **estado crítico de conservação** foram consideradas as matas Lanço dos Cações (Itamaracá), Ronca (Paulista), ambas bastante ameaçadas pela expansão urbana; a mata de São Bento (Abreu e Lima) e matas localizadas no vale do rio Bonança, entre os assentamentos Pitanga I e II (foto 11), ameaçadas pela expansão das áreas de policultura; as matas localizadas no vale do riacho Mumbeca (Paulista) e no vale do rio Barro Branco, sobretudo ao norte e a oeste da vila Caetés I (Abreu e Lima), essas últimas ameaçadas pela expansão dos loteamentos de granjas e chácaras e pela ocupação urbana espontânea (invasões), respectivamente.

As matas de Megaó e do Engenho Massaranduba (Goiana), de Jaguaribe, do Engenho Macaxeira, do Engenho São João e do Engenho Amparo (Itamaracá), de Jaguarana (foto 12), do Janga e de Caetés (Paulista) bem como da Condelaria (Araçoiaba), foram classificadas em **estado regular de conservação**, devido à ocorrência, no interior ou na borda dessas matas, de trechos degradados em consequência de retirada excessiva de madeira e de disposição de lixo.



FOTO 10 – Mata em bom estado de conservação, localizada a nordeste da sede do Engenho Cumbé de Baixo (Igarassu).

Para os demais remanescentes, não foi possível estabelecer o estado de conservação, visto não se dispor de informações suficientes para realizar tal classificação. Entretanto, esses remanescentes têm em comum o permanente risco de destruição pelas atividades/ usos desenvolvidos em seu entorno. Quando em área canavieira, são atingidos pelas queimadas efetuadas em sua periferia. Quando em áreas de policultura ou em áreas de granjas e chácaras ou, ainda, nas proximidades dos núcleos urbanos, são degradadas pela extração de lenha para queima em fornos e para produção de carvão ou são devastadas para expansão daqueles usos, comprometendo não só a proteção do solo e do relevo mas, também, a manutenção dos recursos hídricos superficiais e a recarga dos mananciais subterrâneos.



FOTO 11 – Mata em estado *crítico de conservação* (Assentamento Pitanga I, em Igarassu).



FOTO 12 – Mata em estado *regular de conservação* (Reserva Ecológica de Jaguarana, Paulista).

Nas matas do Litoral Norte, são encontradas, entre outras espécies, a cupiúba (*Tapirira guianensis*), cabotã-de-leite (*Thyrsoodium schomburkianum*), sucupira branca (*Bowdichia virgiloides*), louros (*Ocotea* spp), embiriba (*Eschwehleria ovata*), murici da mata (*Byrsonima sericea*), barbatimão (*Abarema cochliocarpos*), ingá (*Inga* spp), visgueiro (*Parkia pendula*), embaúba (*Cecropia adenopus*), cajueiro (*Anacardium occidentale*), paquevira (*Heliconia angustifolia*), pereira da mata (*Luhea ochrophylla*), pau d'arco (*Tabebuia* sp), camaçari (*Caraipa densifolia*), munguba (*Bombax gracilipes*), embiridiba (*Buchenavia capitata*) (CPRH, 1991 e 1998 e Pesquisa de campo, 1999).

Com relação à fauna do Litoral Norte de Pernambuco, a literatura cita a ocorrência, ali, de aproximadamente duzentas espécies animais, incluindo mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Através de informações coletadas junto à população local, durante a pesquisa de campo, constatou-se ocorrência, na área, de algumas dessas espécies, tais como: anu-preto (*Crotophaga ani*), anu-branco (*Guira guira*), bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), urubu (*Coragyps atratus*), pardal (*Passer domesphuratus*), sagüi (*Callithrix jacchus*), preguiça (*Bradypus variegatus*), tatu (*Dasypus novemcintus*), paca (*Agouti paca*), cutia (*Dasyprocta* sp), preá (*Cavia aparea*), camaleão (*Iguana iguana*) e calango (*Ameiva ameiva*).

Embora, alguns remanescentes de mata existentes no Litoral Norte constituam, pela sua extensão, prováveis refúgios de fauna silvestre, os desmatamentos e a caça predatória têm acarretado a redução das espécies vegetais e animais, ameaçando, dessa forma, a diversidade florística e faunística que ainda existe na área.

Na faixa litorânea, nos terrenos submetidos à influência constante das marés, desenvolve-se a vegetação de mangue, na qual figuram como espécies mais comuns o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*), o mangue branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue siriúba (*Avicennia*), além de espécies menos freqüentes tais como o mangue de botão (*Conocarpus erectus*) a samambaia do mangue (*Acrostichum aureum*), o junco (*Eleocharis*), a tiririca (*Scleria bracteata*), entre outras. Nas áreas brejosas a montante do mangue, desenvolve-se uma vegetação higrófila típica, muitas vezes dominada pela aninga (*Montrichardia linifera*).

Os manguezais mais extensos do Litoral Norte, localizam-se nos municípios de Goiana, Itapissuma, Igarassu e Itamaracá, margeando os rios Goiana (foto 13), Megaó, Itapessoca e o Canal de Santa Cruz, onde ocupam uma rede de rios e canais naturais (quadro 02). Merece destaque, pela exuberância e beleza, o manguezal do rio Timbó, em Paulista e Abreu e Lima.



FOTO 13 – Manguezal da margem direita do rio Goiana.

Associada à vegetação de mangue ocorre uma fauna bastante diversificada, composta, em geral, por moluscos como marisco-pedra (*Anomalocardia brasiliana*), marisco-rei (*Protothaca pectorina*), marisco-redondo (*Lucina pectinata*), sururu (*Mytella falcata*), unha-de-velho (*Tagelus plebeius*), ostra (*Crassostrea rizophorae*); crustáceos como camarão (*Panacus subtilis*), siris (*Callinectes spp*), guaiamum (*Cardisoma guanhumi*), aratu (*Goniopsis cruentata*), caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*); e peixes como sardinha (*Opisthonema oglium*), tainha (*Mugil curema*), curimã (*Mugil liza*), camurim (*Centropomus undecimalis*), carapeba (*Eugerres brasilianus*), manjuba (*Anchoiella lepidentostole*) (CPRH, 1998, p. 28 e Pesquisa de campo, 1999), cuja captura cumpre importante papel na alimentação da população local e na economia dos municípios costeiros da área.

## QUADRO 02 - ÁREAS ESTUARINAS DO LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO

NOME DA ÁREA ESTUARINA	ÁREA TOTAL (HA)			PRINCIPAIS RIOS ABRANGIDOS PELO ESTUÁRIO	MUNICÍPIOS
	1986*	1991**	Redução 1986-1991 (ha)		
Rio Goiana e Megaó	4 776,0	X	X	Goiana e Megaó	Goiana
Rio Itapessoca	3 998,0	X	X	Itapessoca	Goiana
Rio Jaguaribe	212	171,7	40,3	Jaguaribe	Itamaracá
Canal de Santa Cruz	5 292,0	5.223,60	68,4	Arataca, Botafogo, Maniquara e Igarassu	Goiana, Igarassu, Itapissuma e Itamaracá
Rio Timbó	1 397,0	1 026,1	370,9	Timbó e Arroio Desterro	Igarassu, Abreu e Lima e Paulista
Rio Paratibe	X	226,2	X	Paratibe e Fragoso	Paulista e Olinda

FONTE: \* FIDEM. Proteção das Áreas Estuarinas de Pernambuco, 1987.

\*\* Bryon, M. E. Q. Desenvolvimento Urbano X Meio Ambiente, 1994.

(X) Informação inexistente para o ano indicado.

No mangue do Canal de Santa Cruz observa-se a ocorrência de aves residentes, tais como: sócô (*Butorides striatus*), saracura-três-potes (*Aramides cajanea*), martim-pescador-grande (*Ceryle torquata*), martim-pescador-pequeno (*Chloroceryle americana*), andorinha-do-rio (*Tachycineta albiventer*) e as garças (*Casmerodius albus* e *Egretta thula*) que buscam o mangue para se alimentarem (Azevedo Júnior, 1993 apud CPRH, 1998, p. 29). Ocorre também peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*) mamífero bastante ameaçado (Silva et al, 1991 apud CPRH, 1998, p.31).

Embora esse ecossistema desempenhe uma importante função como filtro biológico e químico das águas contaminadas por resíduos industriais e domésticos e como viveiro natural para muitas espécies marinhas (Alheiros, 1998, p. 67), tem sido bastante agredido (foto 14) pela ocupação urbana desordenada, pela pesca predatória, pela disposição de lixo e, nos dias atuais, pelo avanço dos empreendimentos de carcinicultura.



FOTO 14 – Mangue degradado por aterro e construção de acesso viário, reduzindo a entrada de água salgada (início da Praia do Janga, Paulista).

Apesar de protegidas pela Lei 9 931/86, as áreas estuarinas do Litoral Norte não ficam isentas de usos/atividades que degradam esse ecossistema, como mostra o quadro 02. Segundo Bryon (1994, p. 120), os usos residenciais e a implantação de infra-estrutura para o turismo são os que mais degradaram os estuários em toda a Região Metropolitana do Recife.

Ainda, na Planície Costeira, a vegetação de praia composta basicamente por espécies herbáceas, foi substituída, em grande parte, pela ocupação urbana, encontrando-se essa cobertura vegetal, nos dias atuais, reduzida a estreita faixa descontínua, situada ao longo da costa, sobretudo em Itamaracá - nas praias do Sossego e do Bairro Novo (ao sul de Pilar) e no trecho entre o Forte Orange e a praia de São Paulo - e, ainda, ao norte da praia de Ponta de Pedras, em Goiana. Mesmo assim, essa vegetação continua ameaçada pelas construções irregulares e pela instalação de pontos comerciais (barracas) nas praias.

Refletindo a preocupação em garantir a preservação do que ainda resta do patrimônio natural do Litoral Norte de Pernambuco, foi criada, em 1995, uma área piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, compreendendo os municípios de Itapissuma, Itamaracá e Igarassu. Essa área engloba, além das sete Reservas Ecológicas situadas naqueles municípios e das áreas estuarinas do rio Timbó, do rio Jaguaribe e dos rios que deságuam no Canal de Santa Cruz, o Refúgio Ecológico Charles Darwin, em Igarassu e três bases de pesquisa: a Base de Pesquisa de Aves Migratórias da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Coroa do Avião, em Igarassu, a Base de Piscicultura do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco e o Centro Peixe-boi Marinho do IBAMA, ambos em Itamaracá, bem como a base e sementeira do Projeto Vivendo a Mata Atlântica, da Sociedade Nordestina de Ecologia, em Itapissuma (Costa Lima, 1998, p. 27).